

# O Livro dos Espíritos



*Allan Kardec*

**LIVRO IV – Esperanças e consolações**  
**CAPÍTULO I – Penas e gozos terrestres**

## Índice

<b>Assunto</b>	<b>Origem</b>	<b>Página</b>
<b>I – Felicidade e Infelicidade Relativas</b>	O Livro dos Espíritos	03
<b>Onde está a Felicidade?</b>	O Consolador	06
<b>II – Perda de Entes Queridos</b>	O Livro dos Espíritos	08
<b>Perda de entes queridos,     numa visão Espírita</b>	O Consolador	10
<b>Partida de Entes queridos</b>	O Consolador	12
<b>III – Decepções, Ingratidão,     Quebra de Afeições</b>	O Livro dos Espíritos	14
<b>Somos o que pensamos</b>	O Consolador	15
<b>IV – Uniões Antipáticas</b>	O Livro dos Espíritos	17
<b>União infeliz</b>	O Consolador	18
<b>V – Preocupação com a Morte</b>	O Livro dos Espíritos	20
<b>O que nos virá depois da morte?</b>	O Consolador	21
<b>VI – Desgosto pela Vida, Suicídio</b>	O Livro dos Espíritos	23
<b>Considerações sobre o Suicídio</b>	O Consolador	27
<b>Algumas considerações sobre o Suicídio</b>	O Consolador	29

## O Livro dos espíritos – (Livro IV – Capítulo I)

### Livro quarto – Esperanças e consolações

#### Capítulo I – Penas e gozos terrestres

##### I – Felicidade e infelicidades relativas

**920.** Pode o homem gozar de completa felicidade na Terra?

“Não, por isso que a vida lhe foi dada como prova ou expiação. Dele, porém, depende a suavização de seus males e o ser tão feliz quanto possível na Terra.”

**921.** Concebe-se que o homem será feliz na Terra, quando a Humanidade estiver transformada. Mas, enquanto isso se não verifica, poderá conseguir uma felicidade relativa?

“O homem é quase sempre o obreiro da sua própria infelicidade. Praticando a lei de Deus, a muitos males se forrará e proporcionará a si mesmo felicidade tão grande quanto o comporte a sua existência grosseira.”

Aquele que se acha bem compenetrado de seu destino futuro não vê na vida corporal mais do que uma estação temporária, uma como parada momentânea em péssima hospedaria. Facilmente se consola de alguns aborrecimentos passageiros de uma viagem que o levará a tanto melhor posição, quanto melhor tenha cuidado dos preparativos para empreendê-la.

Já nesta vida somos punidos pelas infrações, que cometemos, das leis que regem a existência corpórea, sofrendo os males consequentes dessas mesmas infrações e dos nossos próprios excessos. Se, gradativamente, remontarmos à origem do que chamamos as nossas desgraças terrenas, veremos que, na maioria dos casos, elas são a consequência de um primeiro afastamento nosso do caminho reto. Desviando-nos deste, enveredamos por outro, mau, e, de consequência em consequência, caímos na desgraça.

**922.** A felicidade terrestre é relativa à posição de cada um.

O que basta para a felicidade de um, constitui a desgraça de outro. Haverá, contudo, alguma soma de felicidade comum a todos os homens?

“Com relação à vida material, é a posse do necessário.

Com relação à vida moral, a consciência tranquila e a fé no futuro.”

**923.** O que para um é supérfluo não representará, para outro, o necessário, e reciprocamente, de acordo com as posições respectivas?

“Sim, conformemente às vossas idéias materiais, aos vossos preconceitos, a vossa ambição e às vossas ridículas extravagâncias, a que o futuro fará justiça, quando compreenderdes a verdade. Não há dúvida de que aquele que tinha cinquenta mil libras de renda, vendo-se reduzido a só ter dez mil, se considera muito desgraçado, por não mais poder fazer a mesma figura, conservar o que chama a sua posição, ter cavalos, lacaios, satisfazer a todas as paixões, etc. Acredita que lhe falta o necessário. Mas, francamente, achas que seja digno de lástima, quando ao seu lado muitos há, morrendo de fome e frio, sem um abrigo onde repousem a cabeça? O homem criterioso, a fim de ser feliz, olha sempre para baixo e não para cima, a não ser para elevar sua alma ao infinito.”  
(715)

**924.** Há males que independem da maneira de proceder do homem e que atingem mesmo os mais justos. Nenhum meio terá ele de, os evitar?

“Deve resignar-se e sofrê-los sem murmurar, se quer progredir. Sempre, porém, lhe é dado haurir consolação na própria consciência, que lhe proporciona a esperança de melhor futuro, se fizer o que é preciso para obtê-lo.”

**925.** Por que favorece Deus, com os dons da riqueza, a certos homens que não parecem tê-los merecido?

## O Livro dos espíritos – (Livro IV – Capítulo I)

“Isso significa um favor aos olhos dos que apenas veem o presente. Mas, fica sabendo, a riqueza é, de ordinário, prova mais perigosa do que a miséria.” (814 e seguintes)

**926.** Criando novas necessidades, a civilização não constitui uma fonte de novas aflições?

“Os males deste mundo estão na razão das necessidades factícias que vos criais. A muitos desenganos se poupa nesta vida aquele que sabe restringir seus desejos e olha sem inveja para o que esteja acima de si. O que menos necessidades têm, esse o mais rico.

“Invejais os gozos dos que vos parecem os felizes do mundo. Sabeis, porventura, o que lhes está reservado? Se os seus gozos são todos pessoais, pertencem eles ao número dos egoístas: o reverso então virá. Deveis, de preferência, lastimá-los. Deus algumas vezes permite que o mau prospere, mas a sua felicidade não é de causar inveja, porque com lágrimas amargas a pagará. Quando um justo é infeliz, isso representa uma prova que lhe será levada em conta, se a suportar com coragem. Lembrai-vos destas palavras de Jesus: Bem-aventurados os que sofrem, pois que serão consolados.”

**927.** Não há dúvida que, à felicidade, o supérfluo não é forçosamente indispensável, porém o mesmo não se dá com o necessário. Ora, não será real a infelicidade daqueles a quem falta o necessário?

“Verdadeiramente infeliz o homem só o é quando sofre da falta do necessário à vida e à saúde do corpo. Todavia, pode acontecer que essa privação seja de sua culpa. Então, só tem que se queixar de si mesmo. Se for ocasionada por outrem, a responsabilidade recairá sobre aquele que lhe houver dado causa.”

**928.** Evidentemente, por meio da especialidade das aptidões naturais, Deus indica a nossa vocação neste mundo. Muitos dos nossos males não advirão de não seguirmos essa vocação?

“Assim é, de fato, e muitas vezes são os pais que, por orgulho ou avareza, desviam seus filhos da senda que a Natureza lhes traçou, comprometendo-lhes a felicidade, por efeito desse desvio. Responderão por ele.”

**a)** — Acharíeis então justo que o filho de um homem altamente colocado na sociedade fabricasse tamancos, por exemplo, desde que para isso tivesse aptidão?

“Cumpra não cair no absurdo, nem exagerar coisa alguma: a civilização tem suas exigências. Por que haveria de fabricar tamancos o filho de um homem altamente colocado, como dizes, se pode fazer outra coisa? Poderá sempre tornar-se útil na medida de suas faculdades, desde que não as aplique às avessas. Assim, por exemplo, em vez de mau advogado, talvez desse bom mecânico, etc.”

No afastarem-se os homens da sua esfera intelectual reside indubitavelmente uma das mais frequentes causas de decepção. A inaptidão para a carreira abraçada constitui fonte inesgotável de reveses. Depois, o amor-próprio, sobrevivendo a tudo isso, impede que o que fracassou recorra a uma profissão mais humilde e lhe mostra o suicídio como remédio para escapar ao que se lhe afigura humilhação. Se uma educação moral o houvesse colocado acima dos tolos preconceitos do orgulho, jamais se teria deixado apanhar desprevenido.

**929.** Pessoas há, que, baldas de todos os recursos, embora no seu derredor reine a abundância, só têm diante de si a perspectiva da morte. Que partido devem tomar?

Devem deixar-se morrer de fome?

“Nunca ninguém deve ter a idéia de deixar-se morrer de fome. O homem acharia sempre meio de se alimentar, se o orgulho não se colocasse entre a necessidade e o trabalho.

Costuma-se dizer: ‘Não há ofício desprezível; o seu estado não é o que desonra o homem.’ Isso, porém, cada um diz para os outros e não para si.”

**930.** É evidente que, se não fossem os preconceitos sociais, pelos quais se deixa o homem dominar, ele sempre acharia um trabalho qualquer, que lhe proporcionasse meio de viver, embora deslocando-se da sua posição. Mas, entre os que não têm preconceitos ou os põem de lado, não

## O Livro dos espíritos – (Livro IV – Capítulo I)

há pessoas que se vêem na impossibilidade de prover às suas necessidades, em consequência de moléstias ou outras causas independentes da vontade delas?

“Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo ninguém deve morrer de fome.”

Com uma organização social criteriosa e previdente, ao homem só por culpa sua pode faltar o necessário. Porém, suas próprias faltas são, frequentemente resultado do meio onde se acha colocado. Quando praticar a lei de Deus, terá uma ordem social fundada na justiça e na solidariedade e ele próprio também será melhor. (793)

**931.** Por que são mais numerosas, na sociedade, as classes sofredoras do que as felizes?

“Nenhuma é perfeitamente feliz e o que julgais ser a felicidade muitas vezes oculta, pungentes aflições. O sofrimento está por toda parte. Entretanto, para responder ao teu pensamento, direi que as classes a que chamas sofredoras são mais numerosas, por ser a Terra lugar de expiação. Quando a houver transformado em morada do bem e de Espíritos bons, o homem deixará de ser infeliz aí e ela lhe será o paraíso terrestre.”

**932.** Por que, no mundo, tão amiúde, a influência dos maus sobrepuja a dos bons?

“Por fraqueza destes. Os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando estes o quiserem, preponderarão.”

**933.** Assim como, quase sempre, é o homem o causador de seus sofrimentos materiais, também o será de seus sofrimentos morais?

“Mais ainda, porque os sofrimentos materiais algumas vezes independem da vontade; mas, o orgulho ferido, a ambição frustrada, a ansiedade da avareza, a inveja, o ciúme, todas as paixões, numa palavra, são torturas da alma.

“A inveja e o ciúme! Felizes os que desconhecem estes dois vermes roedores! Para aquele que a inveja e o ciúme atacam, não há calma, nem repouso possíveis. À sua frente, como fantasmas que lhe não dão tréguas e o perseguem até durante o sono, se levantam os objetos de sua cobiça, do seu ódio, do seu despeito. O invejoso e o ciumento vivem ardendo em contínua febre. Será essa uma situação desejável e não compreendeis que, com as suas paixões, o homem cria para si mesmo, suplícios voluntários, tornando-se lhe a Terra verdadeiro inferno?”

Muitas expressões pintam energeticamente o efeito de certas paixões. Diz-se: ímpar de orgulho, morrer de inveja, secar de ciúme ou de despeito, não comer nem beber de ciúmes, etc. Este quadro é sumamente real. Acontece até não ter o ciúme objeto determinado. Há pessoas ciumentas, por natureza, de tudo o que se eleva, de tudo o que sai da craveira vulgar, embora nenhum interesse direto tenham, mas unicamente porque não podem conseguir outro tanto. Ofusca-as tudo o que lhes parece estar acima do horizonte e, se constituíssem maioria na sociedade, trabalhariam para reduzir tudo ao nível em que se acham. É o ciúme aliado à mediocridade.

De ordinário, o homem só é infeliz pela importância que liga às coisas deste mundo. Fazem-lhe a infelicidade a vaidade, a ambição e a cobiça desiludidas. Se se colocar fora do círculo acanhado da vida material, se elevar seus pensamentos para o infinito, que é seu destino, mesquinhas e pueris lhe parecerão as vicissitudes da Humanidade, como o são as tristezas da criança que se aflige pela perda de um brinquedo, que resumia a sua felicidade suprema.

Aquele que só vê felicidade na satisfação do orgulho e dos apetites grosseiros é infeliz, desde que não os pode satisfazer, ao passo que aquele que nada pede ao supérfluo é feliz com os que outros consideram calamidades.

Referimo-nos ao homem civilizado, porquanto, o selvagem, sendo mais limitadas as suas necessidades, não tem os mesmos motivos de cobiça e de angústias. Diversa é a sua maneira de ver as coisas. Como civilizado, o homem raciocina sobre a sua infelicidade e a analisa. Por isso é que esta, o fere. Mas, também, lhe é facultado raciocinar sobre os meios de obter consolação e de analisá-los. Essa consolação ele a encontra no sentimento cristão, que lhe dá a esperança de melhor futuro, e no Espiritismo que lhe dá a certeza desse futuro.

**Crônica e Artigos**

219 24/12/2011

O Consolador – (Waldenir Aparecido Cuin)

**I. A felicidade e infelicidade relativas**

**Onde está a felicidade?**

“Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho.”  
(Paulo, Filipenses 4:11.)

Qualquer criatura vivenciando plena lucidez e total controle de raciocínio, por certo, caminhará com avidez à procura da felicidade.

Terá consciência também, pelo estágio evolutivo em que vive, que no atual momento poderá apenas obter uma felicidade relativa ou situações felizes, mas nunca a felicidade absoluta.

E essa felicidade relativa tem a dimensão e o peso dos nossos sonhos. Uns a encontram na aquisição de um carro de última geração, outros deparam com ela ao apenas possuir um carro. Existem os que a procuram na casa moderna e confortável, enquanto outros buscam por ela conseguindo uma casa.

Para o faminto a felicidade é poder encontrar um prato de comida capaz de sanar sua necessidade de alimentação. Para o desempregado a felicidade poderá chegar com a obtenção de um posto de trabalho que lhe garanta o sustento e a dignidade. Para o doente, encontrar novamente a saúde será, obviamente, um momento de felicidade.

Paulo de Tarso, em expressiva carta aos Filipenses asseverou que aprendeu a contentar-se com o que tinha, numa inequívoca demonstração de compreensão e resignação diante da vida, não se perturbando e nem estragando o dia ante pequenas contrariedades, tão próprias em nosso cotidiano.

Em realidade, quem não pode ter o que quer, que queira o que pode, pois em inúmeras situações não conseguimos obter o objeto dos nossos desejos ou a concretização dos sonhos que acalentamos; assim, imperioso se torna que saibamos estar contentes com aquilo que é possível. Certamente, nessa postura de equilíbrio e tino, nos depararemos com a felicidade possível.

Certa feita uma senhora de boa posição econômica e social, passando pela rua, notou um senhor já de idade avançada, mal vestido e com semblante cansado, puxando um carrinho de tamanho razoável, repleto de material reciclável.

Condoída, imaginou o sofrimento e a luta daquele homem, tendo que fazer o trabalho de um animal irracional, ao puxar o carrinho.

Aproximando-se dele, exclamou:

– O senhor deve sofrer muito, se afligir demais, pois tem que se humilhar e fazer o trabalho de um animal, ao transportar essa carga.

– Não, minha senhora, eu sou feliz, pois mesmo com a minha idade ainda tenho forças e disposição para arrastar este carrinho cheio de material reciclável, que venderei logo adiante e, com os recursos obtidos, manterei meu sustento e dos netinhos que cuido. Ainda, passeio pelas ruas, vejo a movimentação de carros e gente e, vez por outra, ainda tenho o prazer de encontrar pessoas gentis como a senhora, que se preocupa com o próximo.

Sem dúvida, para o catador de reciclável a felicidade estava em poder realizar o seu trabalho.

Na verdade, a felicidade que podemos obter, por agora, não se trata de uma conquista externa, mas sim de uma postura interior. Muitas criaturas infelizes estão guerreando sozinhas enquanto outras felizes estão bem, mesmo em meio à guerra que gira ao seu redor.

## **O Livro dos espíritos – (Livro IV – Capítulo I)**

Quando aprendermos a nos contentarmos com o que temos, estaremos de posse da felicidade que se pode ter aqui na Terra, pois a palavra divina há muito já nos informou “que a verdadeira felicidade não é deste mundo”.

Onde procuramos a nossa felicidade?

Pensemos nisso.

## II – Perda de entes queridos

**934.** A perda dos entes que nos são caros não constitui para nós legítima causa de dor, tanto mais legítima quanto é irreparável e independente da nossa vontade?

“Essa causa de dor atinge assim o rico, como o pobre: representa uma prova, ou expiação, e comum é a lei. Tendes, porém, uma consolação em poderdes comunicar-vos com os vossos amigos pelos meios que vos estão ao alcance, enquanto não dispodes de outros mais diretos e mais acessíveis aos vossos sentidos.”

**935.** Que se deve pensar da opinião dos que consideram profanação as comunicações com o além-túmulo?

“Não pode haver nisso profanação, quando haja recolhimento e quando a evocação seja praticada respeitosa e convenientemente. A prova de que assim é tendes no fato de que os Espíritos que vos consagram afeição acodem com prazer ao vosso chamado. Sentem-se felizes por vos lembrardes deles e por se comunicarem convosco. Haveria profanação, se isso fosse feito levianamente.”

A possibilidade de nos pormos em comunicação com os Espíritos é uma dulcíssima consolação, pois que nos proporciona meio de conversarmos com os nossos parentes e amigos, que deixaram antes de nós a Terra. Pela evocação, aproximamo-los de nós, eles vêm colocar-se ao nosso lado, nos ouvem e respondem. Cessa assim, por bem, dizer, toda separação entre eles e nós. Auxiliam-nos com seus conselhos, testemunham-nos o afeto que nos guardam e a alegria que experimentam por nos lembrarmos deles. Para nós, grande satisfação é sabê-los ditosos, informar-nos, por seu intermédio, dos pormenores da nova existência a que passaram e adquirir a certeza de que um dia nos iremos a eles juntar.

**936.** Como é que as dores inconsoláveis dos que sobrevivem se refletem nos Espíritos que as causam?

“O Espírito é sensível à lembrança e às saudades dos que lhe eram caros na Terra; mas, uma dor incessante e desarrazoada o toca penosamente, porque, nessa dor excessiva, ele vê falta de fé no futuro e de confiança em Deus e, por conseguinte, um obstáculo ao adiantamento dos que o choram e talvez à sua reunião com estes.”

Estando o Espírito mais feliz no Espaço que na Terra, lamentar que ele tenha deixado a vida corpórea é deplorar que seja feliz. Figuremos dois amigos que se achem metidos na mesma prisão. Ambos alcançarão um dia a liberdade, mas um a obtém antes do outro. Seria caridoso que o que continuou preso se entristecesse porque o seu amigo foi libertado primeiro? Não haveria, de sua parte, mais egoísmo do que afeição em querer que do seu cativo e do seu sofrer partilhasse o outro por igual tempo?

O mesmo se dá com dois seres que se amam na Terra. O que parte primeiro é o que primeiro se liberta e só nos cabe felicitá-lo, aguardando com paciência o momento em que a nosso turno também o seremos.

Façamos ainda, a este propósito, outra comparação. Tendes um amigo que, junto de vós, se encontra em penosíssima situação.

Sua saúde ou seus interesses exigem que vá para outro país, onde estará melhor a todos os respeitos. Deixará temporariamente de se achar ao vosso lado, mas com ele vos correspondereis sempre: a separação será apenas material. Desgostar-vos-ia o seu afastamento, embora para bem dele?

Pelas provas patentes, que ministra, da vida futura, da presença, em torno de nós, daqueles a quem amamos, da continuidade da afeição e da solicitude que nos dispensavam; pelas relações que nos faculta manter com eles, a Doutrina Espírita nos oferece suprema consolação, por ocasião de uma das mais legítimas dores. Com o Espiritismo, não mais solidão, não mais abandono: o homem, por muito insulado que esteja, tem sempre perto de si amigos com quem pode comunicar-se.



## **O Livro dos espíritos – (Livro IV – Capítulo I)**

Impacientemente suportamos as tribulações da vida. Tão intoleráveis nos parecem, que não compreendemos possamos sofrê-las. Entretanto, se as tivermos suportado corajosamente, se soubermos impor silêncio às nossas murmurações, felicitar-nos-emos, quando fora desta prisão terrena, como o doente que sofre se felicita, quando curado, por se haver submetido a um tratamento doloroso.

**Crônica e Artigos**

415 24/05/2015

O Consolador – (Wagner Ideali)

**II. Perda de entes queridos**

**Perda de entes queridos, numa visão Espírita**

Todos ficamos tristes, sofremos e mesmo muitas vezes nos revoltamos quando perdemos um ente querido. Passamos a pensar em injustiça nessa situação.

Antes, com uma visão materialista da vida, esses sentimentos de tristeza, dor e revolta tinham total razão. Com a visão religiosa clássica tradicional, poderíamos dizer que ameniza o sofrimento, mas não responde com segurança e não consola de forma real e profunda. Fica sempre um vazio que as palavras não preenchem e não confortam.

Com o advento do Espiritismo, a abertura da cortina do palco das múltiplas vidas, mostrando que hoje é o resultado do passado e o futuro é a sementeira de hoje, começa a mudar essa visão da perda. Não que o sofrimento acabe ou que a saudade estanque, mas uma esperança nasce no fundo do nosso ser, pois nada está realmente perdido.

Passamos a ver que vivemos uma fração do tempo milenar de nossas existências. Que somos seres imortais em constante mudança e evolução. Assim a morte passa a ser apenas uma passagem de diferentes planos. Saímos de um mundo tridimensional para um plano multidimensional que foge ao senso comum, necessitando uma análise e um sentimento mais profundo e criterioso para entender e viver essa nova realidade.

Todos os nossos entes queridos não se foram, mas continuam vivos, seja numa outra realidade existencial diferente dessa que vivemos, como também podemos agora mais fácil senti-los próximos a nós, pois esse sentimento não é apenas fruto da saudade, mas de uma realidade incontestável.

Essa perda sendo realmente temporária, a saudade vai continuar a apertar nosso peito e nos levar a uma emoção sempre, mas sabemos agora que essas pessoas estão próximas e continuam tendo o mesmo amor por nós.

As nossas relações interpessoais ultrapassam os valores da carne, se transportam para horizontes maiores e mais profundos. Através do entendimento da Doutrina Espírita, vamos entendendo mais e melhor todas essas relações e suas implicações. O amor ao próximo deixa de pertencer restritamente à família e a amigos e se transporta a todos os seres do planeta. A caridade deixa de ser um ato mecânico de dar valor às coisas materiais para se transformar em valores mais pessoais e de ações diretas que envolvem sentimentos e doações íntimas.

Assim podemos ver que as palavras de Jesus continuam sendo atuais, continua valendo cada palavra, cada frase proferida pelo Mestre Maior, não mais como textos religiosos, mas como procedimentos práticos de bem viver. Viver Jesus para aprender a se machucar menos, como diz meu irmão de coração, Jonas.

Joanna de Ângelis nos seus profundos estudos sobre a alma mostra claramente toda a complexidade da psique humana e como precisamos viver um dia de cada vez, amando, construindo sempre o Reino de Deus dentro de nós.

Nada – ninguém – está perdido, tudo tem sua hora e todos têm o seu momento. O Espiritismo mostra dentro dos seus postulados e ensinamentos que tudo está no seu devido lugar. Nós devemos então sempre procurar fazer o melhor a cada dia, pois o tempo urge, não há tempo a perder.

## **O Livro dos espíritos – (Livro IV – Capítulo I)**

O amor de Deus não quer e nunca vai permitir que os sentimentos nobres se percam por uma ausência momentânea da separação temporária do corpo físico.

O retorno é inevitável, portanto, vamos viver de uma forma mais ética e cristã, pois, do outro lado, deveremos confrontar com o nosso eu mais profundo que o corpo físico não pode esconder. Quando bater aquela saudade, vamos nos recolher e proferir uma prece para aquele ente querido, e acredite, ele receberá o seu carinho sempre e, na maioria das vezes, se for permitido pelos irmãos maiores, poderemos ter a alegria de tê-los ao nosso lado.

## Crônica e Artigos

321 21/07/2013

O Consolador – (Wellington Balbo)

## II. Perda de entes queridos

### Partida de entes queridos

Trabalhando há algum tempo no tema perda de entes queridos, emociono-me com frequência porque é algo que toca a alma a partida de um ser amado, sensibilizando a todos. Diante disso, dessa dor democrática que não libera ricos e pobres, brasileiros ou americanos, reflito na importância da serenidade. Vejo as pessoas pedindo saúde, paz, harmonia. Claro, todos queremos saúde, paz e harmonia, mas, na minha maneira de ver a vida, considero a serenidade como a conquista mais abençoada da criatura. A conquista da serenidade vale mais, isso em minha opinião, do que uma Copa do Mundo ou qualquer outro tesouro da Terra. Com serenidade transitamos por todas as estradas deste mundo sem perdermos o rumo, o norte de onde devemos chegar.

Entretanto, voltando ao tema perda de entes queridos, quero trocar a palavra perda por partida, porque não perdemos ninguém, pode ser? Então, vamos lá: partida de entes queridos. Voltando a este tema, em O livro dos Espíritos, Kardec aborda de forma muito serena a questão e faz vários comentários. Em um dos comentários ele diz que devemos felicitar o ser que partiu porquanto se libertou de uma prisão, e que lamentar sua partida é mais egoísmo do que afeição. Muito natural que entendamos e felicitemos o ser que partiu por causa de doença de longo curso. Óbvio, livrou-se do peso do corpo disforme. Mas e a criança ou o jovem cheio de vida que vão embora de forma abrupta? Como felicitá-los? Ainda em O livro dos Espíritos, Kardec faz interessante comparação. Diz o codificador que ao suportarmos as provações da vida com coragem, ao deixarmos a prisão terrena iremos, ficar felizes com nosso comportamento, semelhante a um doente que se cura após tratamento de dolorosa moléstia.

Muito interessante a forma de Allan Kardec abordar o tema. Ele tem essa capacidade de ilustrar as questões para ficar de fácil assimilação. Claro que ficaremos tristes, abatidos pela partida do ente amado, até aí, tudo normal. Qual o problema? O problema é, segundo os Espíritos, a dor incessante e com revolta. Esta dor com traços de indignação quanto aos desígnios superiores é que afeta profundamente os que partiram. Eles – os seres que se foram antes de nós – são sensíveis aos nossos pensamentos e sentimentos. Imagine como ficará uma mãe ao verificar que seu filho, após seu desenlace, perdeu a vontade de viver. Certamente que o sofrimento do filho a deixará acabrunhada, de baixo, astral. Os Espíritos vão além e informam que esta dor indignada pode representar, quem sabe, obstáculo ao reencontro.

Alguém poderá dizer: Mas como controlar as emoções? O conhecimento da vida além-túmulo colabora para que nossas emoções, em face da despedida do ser amado, sejam mais equilibradas. É possível comunicar-se com os que partiram, afinal, eles não desapareceram no espaço, não viraram pó, apenas mudaram de residência. Este fato já é um alívio e ajuda a serenar os ânimos.

Há, entretanto, os que dizem ser profanação evocar os que já foram. E os Espíritos ensinam novamente que não pode haver profanação quando há recolhimento e sentimento sincero. Claro, podemos comunicar-nos com os que nos precederam na grande viagem.

Outro ponto a ser abordado é: compreender que não podemos tudo nesta vida. Há coisas que não conseguimos controlar, que escapam à nossa vontade. Aí entra a resignação e a serenidade – olha ela aí de novo - para suportarmos com bravura e coragem as provas desta existência. Pode tombar o mundo, mas a serenidade nos manterá em pé.

## **O Livro dos espíritos – (Livro IV – Capítulo I)**

E como conquistar a serenidade? Ora, como se conquista todas as outras virtudes, ou seja, treinando para adquiri-la, trabalhando a intimidade, conhecendo-se, e estudando as leis que regem a vida.

Quando temos a consciência de que Deus fez tudo certo e as coisas criadas por ELE estão em seu devido lugar, é mais fácil comportar-se de forma equilibrada e esperar, claro, o momento do reencontro com os que partiram.

Quanto mais pacientes e serenos formos, mais feliz será esse reencontro que, diga-se de passagem, por bondade divina pode ocorrer nos momentos de sono do corpo físico, quando, parcialmente libertos da máquina orgânica, passearemos pelos jardins de Deus. Com fé e esperança no futuro, quem sabe nesses passeios encontramos nossos amores que já tomaram o ônibus de regresso ao mundo espiritual... Vale a pena pensar nisso.

### III – Decepções, ingratidão, quebra de afeições

**937.** Para o homem de coração, as decepções oriundas da ingratidão e da fragilidade dos laços da amizade não são também uma fonte de amarguras?

“São; porém, deveis lastimar os ingratos e os infiéis; serão muito mais infelizes do que vós. A ingratidão é filha do egoísmo e o egoísta topará mais tarde com corações insensíveis, como o seu próprio o foi. Lembrai-vos de todos os que não fizeram mais bem do que vós, que valeram muito mais do que vós e que tiveram por paga a ingratidão.

Lembrai-vos de que o próprio Jesus foi, quando no mundo, injuriado e menosprezado, tratado de velhaco e impostor, e não vos admireis de que o mesmo vos suceda. Seja o bem que houverdes feito a vossa recompensa na Terra e não atenteis no que dizem os que não receberam os vossos benefícios.

A ingratidão é uma prova para a vossa perseverança na prática do bem; ser-vos-á levada em conta e os que vos forem ingratos serão tanto mais punidos, quanto maior lhes tenha sido a ingratidão.”

**938.** As decepções oriundas da ingratidão não serão de molde a endurecer o coração e a fechá-lo à sensibilidade?

“Fora um erro, porquanto o homem de coração, como dizes, se sente sempre feliz pelo bem que faz. Sabe que, se esse bem for esquecido nesta vida, será lembrado em outra e que o ingrato se envergonhará e terá remorsos da sua ingratidão.”

**a)** — Mas, isso não impede que se lhe ulcere o coração.

Ora, daí não poderá nascer-lhe a idéia de que seria mais feliz, se fosse menos sensível?

“Pode, se preferir a felicidade do egoísta. Triste felicidade essa! Saiba, pois, que os amigos ingratos que o abandonam não são dignos de sua amizade e que se enganou a respeito deles. Assim sendo, não há de que lamentar o tê-los perdido.

Mais tarde achará outros, que saberão compreendê-lo melhor. Lastimai os que usam para convosco de um procedimento que não tendes merecido, pois bem triste se lhes apresentará o reverso da medalha. Não vos aflijais, porém, com isso: será o meio de vos colocardes acima deles.”

A Natureza deu ao homem a necessidade de amar e de ser amado. Um dos maiores gozos que lhe são concedidos na Terra é o de encontrar corações que com o seu simpatizem. Dá-lhe ela, assim, as primícias da felicidade que o aguarda no mundo dos

Espíritos perfeitos, onde tudo é amor e benignidade. Desse gozo está excluído o egoísta.

**Somos o que pensamos**

Os Espíritos Superiores, através da Doutrina Espírita, nos afirmam que somos exatamente aquilo que pensamos e que necessário se faz, por isso mesmo, analisarmos tudo o que se torna objeto de atenção da nossa mente.

Se prestarmos bastante atenção em nossas preocupações diárias, verificaremos que tipos de pensamento estarão se tornando frequentes, virando verdadeiros vícios mentais nem sempre úteis para a nossa saúde espiritual, e precisamos ainda de mais atenção para certos pensamentos que nos chegam e que não nos preocupamos em saber sua origem, nem de medir suas possíveis consequências; daí deixamos passar por nossa mente verdadeiros tóxicos mentais, perniciosos e prejudiciais à nossa saúde física, mental e espiritual.

Muitas das vezes, ao acordarmos pela manhã, os primeiros pensamentos que nos chegam são as dificuldades e as decepções vividas no dia anterior, e não nos damos conta que estamos vivendo uma nova oportunidade concedida pela Sabedoria Maior do Universo, para realizarmos algo novo, diferente, positivo, e esquecer as coisas ruins que tenham nos ocorrido no ontem que se foi.

Precisamos, urgentemente, nos desfazer dos clichês mentais doentios, equivocados, surdos ao apelo da vida que nos chama para uma nova etapa na construção da nossa felicidade, filhos da perfeição que somos todos, fadados, por isso mesmo, à pureza espiritual e ao encontro com o Pai Criador de tudo e de todos.

Necessário se faz começarmos a registrar em nosso arquivo mental os fatos positivos que nos cercam diariamente sem que nos demos conta de que aconteceram, simplesmente porque já nos acostumamos a arquivar os acontecimentos negativos sem que precisemos fazer qualquer tipo de sacrifício para isso.

Chegou a hora de fazermos uma faxina nos nossos arquivos mentais, para retirar e jogar fora todo o lixo acumulado ao longo dos séculos em que não nos preocupamos em selecionar as coisas positivas das negativas, e por essa razão juntamos farto material contendo frustrações, ódio, revolta, decepções, medo etc., que nos têm causado sérios transtornos e nos arremessado constantemente ao abismo dos desequilíbrios de toda ordem.

O pensamento é uma energia que precisamos saber como manejar para que não nos cause danos por não sabermos como fazê-lo adequadamente, e precisamos, também, dedicar nossa total atenção e cuidado ao seu cultivo, pois que servirá de contato a nos envolver com os nossos afins de padrão vibratório semelhante ao nosso. Assim sendo, urge selecionar nossas preocupações, procurando frequentar melhores ambientes, buscando a companhia de pessoas alegres, otimistas, confiantes, saudáveis etc. Essa deverá ser doravante uma meta a atingir em nossas vidas, deixando para trás os velhos hábitos que nos têm trazido grandes decepções e amargos desgostos.

Para sermos realmente saudáveis e equilibrados de corpo, mente e alma, precisamos estar de bem com a vida, alegres, otimistas, confiantes, na certeza de que somos filhos de um Pai amoroso e bom que nos quer bem de tal forma que ainda não somos capazes de avaliar, e, por essa razão, procurarmos entender que as pequenas contrariedades que nos sucedem vez por outra não podem ofuscar nossa certeza de que seremos felizes um dia, e que só de nós depende antecipar ou retardar esse estado de felicidade tão sonhado.

## O Livro dos espíritos – (Livro IV – Capítulo I)

A benfeitora Joanna de Ângelis nos alerta que: “A saúde se expressa mediante a sintonia com Deus. A doença resulta do desajustamento das engrenagens da alma, refletindo-se no desconcerto do corpo e da mente”. (1)

Cabe a cada um de nós a escolha de buscar um estado de equilíbrio ou desequilíbrio, através das nossas construções mentais, com a presença ou com a ausência de Deus em nossas vidas. Que o Mestre de Nazaré nos guarde em sua doce paz.

(1) **Ângelis** Joanna de, Momentos de Renovação, (psicografia Divaldo Franco), (Cap. 10).



#### IV – Uniões antipáticas

**939.** Uma vez que os Espíritos simpáticos são induzidos a unir-se, como é que, entre os encarnados, frequentemente só de um lado há afeição e que o mais sincero amor se vê acolhido com indiferença e, até, com repulsão? Como é, além disso, que a mais viva afeição de dois seres pode mudar-se em antipatia e mesmo em ódio?

“Não compreendes então que isso constitui uma punição, se bem que passageira? Depois, quantos não são os que acreditam amar perdidamente, porque apenas julgam pelas aparências, e que, obrigados a viver com as pessoas amadas, não tardam a reconhecer que só experimentaram um encantamento material! Não basta uma pessoa estar enamorada de outra que lhe agrada e em quem supõe belas qualidades. Vivendo realmente com ela é que poderá apreciá-la. Tanto assim que, em muitas uniões, que a princípio parecem destinadas a nunca ser simpáticas, acabam os que as constituíram, depois de se haverem estudado bem e de bem se conhecerem, por votar-se, reciprocamente, duradouro e terno amor, porque assente na estima! Cumpra não se esqueça de que é o Espírito quem ama e não o corpo, de sorte que, dissipada a ilusão material, o Espírito vê a realidade.

“Duas espécies há de afeição: a do corpo e a da alma, acontecendo com freqüência tomar-se uma pela outra.

Quando pura e simpática, a afeição da alma é duradoura; efêmera a do corpo. Daí vem que, muitas vezes, os que julgavam amar-se com eterno amor passam a odiar-se, desde que a ilusão se desfaça.”

**940.** Não constitui igualmente fonte de dissabores, tanto mais amargos quanto envenenam toda a existência, a falta de simpatia entre seres destinados a viver juntos?

“Amaríssimos, com efeito. Essa, porém, é uma das infelicidades de que sois, as mais das vezes, a causa principal.

Em primeiro lugar, o erro é das vossas leis. Julgas, porventura, que Deus te constranja a permanecer junto dos que te desagradam? Depois, nessas uniões, ordinariamente buscais a satisfação do orgulho e da ambição, mais do que a ventura de uma afeição mútua. Sofreis então as consequências dos vossos prejuízos.”

**a)** — Mas, nesse caso, não há quase sempre uma vítima inocente?

“Há e para ela é uma dura expiação. Mas, a responsabilidade da sua desgraça recairá sobre os que lhe tiverem sido os causadores. Se a luz da verdade já lhe houver penetrado a alma, em sua fé no futuro haurirá consolação. Todavia, à medida que os preconceitos se enfraquecerem, as causas dessas desgraças íntimas também desaparecerão.”

**União Infeliz**

A união esponsalícia considerada menos feliz traduz uma experiência bastante dolorosa. Não se defende que uma pessoa suporte a contragosto a truculência e o peso de outra. Todo Espírito é livre para definir-se, em seu pensamento, quanto às próprias resoluções.

Entretanto, antes de se optar pelo rompimento, convém refletir sobre o que seria uma verdadeira libertação.

A Lei Divina se encontra inscrita na consciência de cada ser e jamais é burlada.

Toda pedra lançada nos caminhos alheios também permanece com quem a lança, na forma de sofrimento.

A angústia persiste enquanto não se remove a sua causa.

Nas ligações afetivas, colhem-se muitas alegrias.

Contudo, é também dentro delas que surgem as provas mais duras.

Afinal, sempre se recebe, no companheiro ou na companheira da vida íntima, o reflexo do que se é.

Enquanto não for devidamente solvido, o passado teima em retornar na forma de experiências purificadoras.

O matrimônio pode ser precedido de doçura e de esperança.

Mas isso não impede que a sucessão dos dias traga aos cônjuges o resultado das criações que deixaram para trás.

A jovem suave, que hoje fascina, será talvez amanhã a mulher transtornada, capaz de impor graves dificuldades aos projetos de felicidade de seu marido.

No entanto, essa mesma jovem foi em outras existências a vítima de seu atual esposo.

Por deslealdade ou inconsequência, ele a converteu na mulher temperamental ou infiel que agora lhe cabe relevar e retificar.

Hoje um rapaz distinto atrai a companheira para os laços da comunhão mais profunda.

Quem sabe amanhã ele será o homem cruel e desorientado, que a cumulará de aflições e constrangimentos.

Ocorre que esse mesmo rapaz, em vidas pretéritas, foi vítima da companheira atual.

Então, desregrada e caprichosa, ela lhe desfigurou o caráter e o converteu no homem vicioso ou fingido que agora deve tolerar e reeducar.

Muitas vezes se ama alguém, a quem se entrega, no ajuste sexual, desejando uma ligação duradoura e profunda.

Somente depois é que nesse alguém se surpreendem defeitos e nódoas antes invisíveis.

Nesses casos, se está diante de uma pessoa a quem se dilapidou no passado.

Hoje, ela fere exatamente nos pontos em que foi ferida.

Não se trata só de processo de cobrança e acerto de contas.

A criatura prejudicada está a esmolar compreensão e assistência, para se refazer perante as leis dos destinos.

Nesse contexto mais amplo, a união supostamente infeliz deixa de ser um cárcere de lágrimas para se converter em um educandário amoroso.

## **O Livro dos espíritos – (Livro IV – Capítulo I)**

Nela, o Espírito equilibrado e afetuoso, longe de desertar, aceita, quando consegue, auxiliar sua vítima do passado.

Com isso, liberta-se das sombras do ontem para elevar-se, em silenciosa vitória sobre si mesmo, para os domínios da luz.

### **Referências:**

**Emmanuel**, Vida e Sexo (psicografia Chico Xavier)

## V – Preocupação com a morte

**941.** Para muitas pessoas, o temor da morte é uma causa de perplexidade. Donde lhes vêm esse temor, tendo elas diante de si o futuro?

“Falece-lhes fundamento para semelhante temor. Mas, que queres! se procuram persuadi-las, quando crianças, de que há um inferno e um paraíso e que mais certo é irem para o inferno, visto que também lhes disseram que o que está na Natureza constitui pecado mortal para a alma! Sucede então que, tornadas adultas, essas pessoas, se algum juízo têm, não podem admitir tal coisa e se fazem ateias, ou materialistas. São assim levadas a crer que, além da vida presente, nada mais há. Quanto aos que persistiram nas suas crenças da infância, esses temem aquele fogo eterno que os queimará sem os consumir.

“Ao justo, nenhum temor inspira a morte, porque, com a fé, tem ele a certeza do futuro. A esperança fá-lo contar com uma vida melhor; e a caridade, a cuja lei obedece, lhe dá a segurança de que, no mundo para onde terá de ir, nenhum ser encontrará cujo olhar lhe seja de temer.” (730) O homem carnal, mais preso à vida corpórea do que à vida espiritual, tem, na Terra, penas e gozos materiais. Sua felicidade consiste na satisfação fugaz de todos os seus desejos. Sua alma, constantemente preocupada e angustiada pelas vicissitudes da vida, se conserva numa ansiedade e numa tortura perpétua. A morte o assusta, porque ele duvida do futuro e porque tem de deixar no mundo todas as suas afeições e esperanças.

O homem moral, que se colocou acima das necessidades factícias criadas pelas paixões, já neste mundo experimenta gozos que o homem material desconhece. A moderação de seus desejos lhe dá ao Espírito calma e serenidade. Ditoso pelo bem que faz, não há para ele decepções e as contrariedades lhe deslizam por sobre a alma, sem nenhuma impressão dolorosa deixarem.

**942.** Pessoas não haverá que achem um tanto banais esses conselhos para ser-se feliz na Terra; que neles vejam o que chamam lugares comuns, cediças verdades; e que digam, que, afinal, o segredo para ser-se feliz consiste em saber cada um suportar a sua desgraça?

“Há as que isso dizem e em grande número. Mas, muitas se parecem com certos doentes a quem o médico prescreve a dieta; desejariam curar-se sem remédios e continuando a apanhar indigestões.”

**Editorial**

191 09/01/2011

O Consolador

**V. Preocupação com a morte**

**O que nos virá depois da morte?**

Por que tememos tanto a morte? Variados são os motivos, mas o principal deles é, sem contestação, o desconhecimento de como se opera essa transição e o que nos aguarda na vida no chamado além-túmulo.

O assunto pode parecer inadequado nos dias que correm, mormente nesta época em que são tantas as esperanças inerentes ao início de um novo ano. Além disso, vivemos em um mundo que já nos oferece inúmeros problemas e, francamente, pensar no tema morte é algo realmente sem propósito, exceto para os que, sentindo-a de perto, entendem que se aproxima o final de sua estada no plano em que nos encontramos.

Ocorre, porém, que a chamada vida espiritual – a vida no além-túmulo – não é uma meta a ser atingida, mas tão-somente uma fase das múltiplas experiências que o homem há de enfrentar no seu longo caminho rumo à perfeição, esta, sim, uma meta que Deus assinalou para todos nós.

As pessoas de nosso tempo têm lutado bastante para se darem bem na vida e poderem, dessa forma, desfrutar as benesses que o progresso da civilização engendrou. Todos sonham, sem dúvida, com a felicidade, um objetivo compreensível e válido, mas tal preocupação pode revelar-se um desastre se negligenciarmos os valores inerentes ao espírito para assegurarmos uma existência sem sobressaltos.

As comunicações transmitidas pelos Espíritos revelam-nos que a vida no além-túmulo é uma espécie de continuação da existência corpórea, com a diferença de que os valores e as preocupações ali reinantes levam em conta nossa condição de Espíritos imortais, em face do que a vida terrena se apresenta como um lance rápido, efêmero e transitório.

Com efeito, por mais longa que seja nossa estada neste plano, os anos passados numa existência corpórea formam um período de tempo irrisório se comparado com a eternidade que se abre aos nossos Espíritos.

No além-túmulo o homem continua a viver integralmente, com as qualidades, os defeitos, os sentimentos e as recordações que o sensibilizam.

A morte não deveria, por isso, assustar a ninguém, uma vez que nada perdemos com ela, a não ser o corpo material, que nenhuma falta faz ao Espírito liberto, que se expressa então em outro corpo, semelhante ao primeiro, ao qual Paulo de Tarso chamava de corpo espiritual e Kardec definiu como envoltório sutil da alma, ou perispírito.

O passamento atinge-nos de modos diferentes, segundo a condição moral de cada um. Ensina o Espiritismo: “A causa principal da maior ou menor facilidade de desprendimento é o estado moral da alma. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego à matéria, que atinge o seu máximo no homem cujas preocupações dizem respeito exclusiva e unicamente à vida e aos gozos materiais”. (O Céu e o Inferno segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, 2ª Parte, cap. 1, item 8.)

Existe, pois, uma relação direta entre o modo pelo qual vivemos no mundo e o começo da vida além-túmulo, porquanto o desprendimento da alma, em seguida à morte corporal, é semelhante ao despertar da pessoa que renasce para uma nova existência corpórea. O desprendimento da alma é o início de sua reentrada no chamado mundo espiritual.

## **O Livro dos espíritos – (Livro IV – Capítulo I)**

Duas conclusões podemos tirar dos ensinamentos acima.

A primeira é esta: É preciso compreender melhor o sentido da vida, que não se resume aos poucos anos que compõem a nossa existência corpórea.

A segunda conclusão é que, submetidos à lei do progresso, temos o dever indeclinável de trabalhar por nosso aprimoramento moral, identificando-nos com a vida espiritual e abdicando, se preciso, das vantagens imediatas em prol do futuro, uma realidade que, segundo o Espiritismo, se desenrola incessantemente aos nossos olhos.

## VI – Desgosto pela vida, suicídio

**943.** Donde nasce o desgosto da vida, que, sem motivos plausíveis, se apodera de certos indivíduos?

“Efeito da ociosidade, da falta de fé e, também, da saciedade.

“Para aquele que usa de suas faculdades com fim útil e de acordo com as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida se escoia mais rapidamente. Ele lhe suporta as vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto obra com o fito da felicidade mais sólida e mais durável que o espera.”

**944.** Tem o homem o direito de dispor da sua vida?

“Não; só a Deus assiste esse direito. O suicídio voluntário importa numa transgressão desta lei.”

**a)** — Não é sempre voluntário o suicídio?

“O louco que se mata não sabe o que faz.”

**945.** Que se deve pensar do suicídio que tem como causa o desgosto da vida?

“Insensatos! Por que não trabalhavam? A existência não lhes teria sido tão pesada.”

**946.** E do suicídio cujo fim é fugir, aquele que o comete, às misérias e às decepções deste mundo?

“Pobres Espíritos, que não têm a coragem de suportar as misérias da existência! Deus ajuda aos que sofrem e não aos que carecem de energia e de coragem. As tribulações da vida são provas ou expiações. Felizes os que as suportam sem se queixar, porque serão recompensados! Ai, porém, daqueles que esperam a salvação do que, na sua impiedade, chamam acaso, ou fortuna! O acaso, ou a fortuna, para me servir da linguagem deles, podem, com efeito, favorecê-los por um momento, mas para lhes fazer sentir mais tarde, cruelmente, a vacuidade dessas palavras.”

**a)** — Os que hajam conduzido o desgraçado a esse ato de desespero sofrerão as consequências de tal proceder?

“Oh! Esses, ai deles! Responderão como por um assassínio.”

**947.** Pode ser considerado suicida aquele que, a braços com a maior penúria, se deixa morrer de fome?

“É um suicídio, mas os que lhe foram causa, ou que teriam podido impedi-lo, são mais culpados do que ele, a quem a indulgência espera. Todavia, não penseis que seja totalmente, absolvido, se lhe faltaram firmeza e perseverança e se não usou de toda a sua inteligência para sair do atoleiro. Ai dele, sobretudo, se o seu desespero nasce do orgulho. Quero dizer: se for quais homens em quem o orgulho anula os recursos da inteligência, que corariam de dever a existência ao trabalho de suas mãos e que preferem morrer de fome a renunciar ao que chamam sua posição social! Não haverá mil vezes mais grandeza e dignidade em lutar contra a adversidade, em afrontar a crítica de um mundo fútil e egoísta, que só tem boa vontade para com aqueles a quem nada falta e que vos volta as costas assim precisais dele? Sacrificar a vida à consideração desse mundo é estultícia, porquanto ele a isso nenhum apreço dá.”

**948.** É tão reprovável, como o que tem por causa o desespero, o suicídio daquele que procura escapar à vergonha de uma ação má?

“O suicídio não apaga a falta. Ao contrário, em vez de uma, haverá duas. Quando se teve a coragem de praticar o mal, é preciso ter-se a de lhe sofrer as consequências. Deus, que julga, pode, conforme a causa, abrandar os rigores de sua justiça.”

**949.** Será desculpável o suicídio, quando tenha, por fim obstar a que a vergonha caia sobre os filhos, ou sobre a família?

## O Livro dos espíritos – (Livro IV – Capítulo I)

“O que assim procede não faz bem. Mas, como pensa que o faz, Deus lhe leva isso em conta, pois que é uma expiação que ele se impõe a si mesmo. A intenção lhe atenua a falta; entretanto, nem por isso deixa de haver falta.

Demais, eliminai da vossa sociedade os abusos e os preconceitos e deixará de haver desses suicídios.”

Aquele que tira a si mesmo a vida, para fugir à vergonha de uma ação má, prova que dá mais apreço à estima dos homens do que à de Deus, visto que volta para a vida espiritual carregado de suas iniquidades, tendo-se privado dos meios de repará-las durante a vida corpórea. Deus, geralmente, é menos inexorável do que os homens. Perdoa aos que sinceramente se arrependem e atende à reparação. O suicida nada repara.

**950.** Que pensar daquele que se mata, na esperança de chegar mais depressa a uma vida melhor?

“Outra loucura! Que faça o bem e mais certo estará de lá chegar, pois, matando-se, retarda a sua entrada num mundo melhor e terá que pedir lhe seja permitido voltar, para concluir a vida a que pôs termo sob o influxo de uma idéia falsa. Uma falta, seja qual for, jamais abre a ninguém o santuário dos eleitos.”

**951.** Não é, às vezes, meritório o sacrifício da vida, quando aquele que o faz visa salvar a de outrem, ou ser útil aos seus semelhantes?

“Isso é sublime, conforme a intenção, e, em tal caso, o sacrifício da vida não constitui suicídio. Mas, Deus se opõe a todo sacrifício inútil e não o pode ver de bom grado, se tem o orgulho a manchá-lo. Só o desinteresse torna meritório o sacrifício e, não raro, quem o faz guarda oculto um pensamento, que lhe diminui o valor aos olhos de Deus.”

Todo sacrifício que o homem faça à custa da sua própria felicidade é um ato soberanamente meritório aos olhos de Deus, porque resulta da prática da lei de caridade. Ora, sendo a vida o bem terreno a que maior apreço dá o homem, não comete atentado o que a ela renuncia pelo bem de seus semelhantes: cumpre um sacrifício. Mas, antes de o cumprir, deve refletir sobre se sua vida não será mais útil do que sua morte.

**952.** Comete suicídio o homem que perece vítima de paixões que ele sabia lhe haviam de apressar o fim, porém a que já não podia resistir, por havê-las o hábito mudado em verdadeiras necessidades físicas?

“É um suicídio moral. Não percebeis que, nesse caso, o homem é duplamente culpado? Há nele então falta de coragem e bestialidade, acrescidas do esquecimento de Deus.”

**a)** — Será mais, ou menos, culpado do que o que tira a si mesmo a vida por desespero?

“É mais culpado, porque tem tempo de refletir sobre o seu suicídio. Naquele que o faz instantaneamente, há, muitas vezes, uma espécie de desvairamento, que alguma coisa tem da loucura. O outro será muito mais punido, por isso que as penas são proporcionadas sempre à consciência que o culpado tem das faltas que comete.”

**953.** Quando uma pessoa vê diante de si um fim inevitável e horrível, será culpada se abreviar de alguns instantes os seus sofrimentos, apressando voluntariamente sua morte?

“É sempre culpado aquele que não aguarda o termo que Deus lhe marcou para a existência. E quem poderá estar certo de que, malgrado às aparências, esse termo tenha chegado; de que um socorro inesperado não venha no último momento?”

**A)** — Concebe-se que, nas circunstâncias ordinárias, o suicídio seja condenável; mas, estamos figurando o caso em que a morte é inevitável e em que a vida só é encurtada de alguns instantes.

“É sempre uma falta de resignação e de submissão à vontade do Criador.”

**B)** — Quais, nesse caso, as consequências de tal ato?



## O Livro dos espíritos – (Livro IV – Capítulo I)

“Uma expiação proporcionada, como sempre, à gravidade da falta, de acordo com as circunstâncias.”

**954.** Será condenável uma imprudência que compromete a vida sem necessidade?

“Não há culpabilidade, em não havendo intenção, ou consciência perfeita da prática do mal.”

**955.** Podem ser consideradas suicidas e sofrem as consequências de um suicídio as mulheres que, em certos países, se queimam voluntariamente sobre os corpos dos maridos?

“Obedecem a um preconceito e, muitas vezes, mais à força do que por vontade. Julgam cumprir um dever e esse não é o caráter do suicídio.

Encontram desculpa na nulidade moral que as caracteriza, em a sua maioria, e na ignorância em que se acham.

Esses usos bárbaros e estúpidos desaparecem com o advento da civilização.”

**956.** Alcançam o fim objetivado aqueles que, não podendo conformar-se com a perda de pessoas que lhes eram caras, se matam na esperança de ir juntar-se-lhes?

“Muito diverso do que esperam é o resultado que colhem.

Em vez de se reunirem ao que era objeto de suas afeições, dele se afastam por longo tempo, pois não é possível que Deus recompense um ato de covardia e o insulto que lhe fazem com o duvidarem da sua providência.

Pagarão esse instante de loucura com aflições maiores do que as que pensaram abreviar e não terão, para compensá-las, a satisfação que esperavam.” (934 e seguintes)

**957.** Quais, em geral, com relação ao estado do Espírito, as consequências do suicídio?

“Muito diversas são as consequências do suicídio.

Não há penas determinadas e, em todos os casos, correspondem sempre às causas que o produziram.

Há, porém, uma consequência a que o suicida não pode escapar; é o desapontamento.

Mas, a sorte não é a mesma para todos; depende das circunstâncias.

Alguns expiam a falta imediatamente, outros em nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interromperam.”

A observação, realmente, mostra que os efeitos do suicídio não são idênticos.

Alguns há, porém, comuns a todos os casos de morte violenta e que são a consequência da interrupção brusca da vida.

Há, primeiro, a persistência mais prolongada e tenaz do laço que une o Espírito ao corpo, por estar quase sempre esse laço na plenitude da sua força no momento em que é partido, ao passo que, no caso de morte natural, ele se enfraquece gradualmente e muitas vezes se desfaz antes que a vida se haja extinguido completamente.

As consequências deste estado de coisas são o prolongamento da perturbação espiritual, seguindo-se à ilusão em que, durante mais ou menos tempo, o Espírito se conserva de que ainda pertence ao número dos vivos. (155 e 165)

A afinidade que permanece entre o Espírito e o corpo produz, nalguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo no Espírito, que, assim, a seu mau grado, sente os efeitos da decomposição, donde lhe resulta uma sensação cheia de angústias e de horror, estado esse que também pode durar pelo tempo que devia durar a vida que sofreu interrupção.

Não é geral este efeito; mas, em caso algum, o suicida fica isento das consequências da sua falta de coragem e, cedo ou tarde, expia, de um modo ou de outro, a culpa em que incorreu.

Assim é que certos Espíritos, que foram muito desgraçados na Terra, disseram ter-se suicidado na existência precedente e submetido voluntariamente a novas provas, para tentarem suportá-las com mais resignação.

Em alguns, verifica-se uma espécie de ligação à matéria, de que inutilmente procuram desembaraçar-se, a fim de voarem para mundos melhores, cujo acesso, porém, se lhes conserva interdito.

## **O Livro dos espíritos – (Livro IV – Capítulo I)**

A maior parte deles sofre o pesar de haver feito uma coisa inútil, pois que só decepções encontram.

A religião, a moral, todas as filosofias condenam o suicídio como contrário às leis da Natureza. Todas nos dizem, em princípio, que ninguém tem o direito de abreviar voluntariamente a vida. Entretanto, por que não se tem esse direito?

Por que não é livre o homem de pôr termo aos seus sofrimentos?

Ao Espiritismo estava reservado demonstrar, pelo exemplo dos que sucumbiram, que o suicídio não é uma falta, somente por constituir infração de uma lei moral, consideração de pouco peso para certos indivíduos, mas também um ato estúpido, pois que nada ganha quem o pratica, antes o contrário é o que se dá, como no-lo ensinam, não a teoria, porém os fatos que ele nos põe sob as vistas.

**Editorial**

488 23/10/2016

O Consolador

**VI. Desgosto pela vida, suicídio**

**Considerações sobre o Suicídio**

Lívia B. Formiga e Luiz Carlos Formiga, autores do artigo especial desta edição, “Há sempre um amanhã”, abordam a problemática do suicídio: prevenção, cuidado e escuta.

“O suicídio é um problema de saúde pública, epidemiologicamente relevante e complexo, para o qual não existe uma única causa ou uma única razão.”

Escutar é tão importante quanto a realização do exame físico no paciente, isso significa estar comprometido, interessado e vinculado à pessoa, com toda a sua complexidade e vicissitude.”

(Formiga & Formiga)

Quando se fala em cuidado estamos nos referindo à enfermagem ou às atividades dessa mesma natureza. Mas, além do cuidado com o corpo, existe sempre o cuidado com o cliente através da escuta. Desse modo, o enfermeiro ou a pessoa que cuida envolve-se com o ser total, embora mantenha um distanciamento adequado para não comprometer o cuidado, degenerando em demasiado envolvimento afetivo.

A enfermagem sempre vê o paciente como um todo, como um ser biopsico sociocultural. É necessário compreender o ser humano doente em sua plenitude. O enfermeiro aborda o paciente de forma muito íntima, por isso muitas vezes pode haver um desequilíbrio entre aproximação e envolvimento do profissional com o paciente.

É difícil aplicar o distanciamento para aquele que necessita de cuidados, pois o receio do profissional da enfermagem é encontrar a linha tênue entre o altruísmo e a indiferença. Por isso, muitos profissionais da enfermagem adoecem psicologicamente, por não encontrar a ajuda necessária para lidar com esse relacionamento.

A escuta é um processo que consiste em técnica e envolvimento para com o indivíduo e com a família. Nesse processo, busca-se auferir elementos que evidenciem até que ponto estão comprometidos com o planejamento e com a tentativa do suicídio, porque a família, de ordinário, tem grande participação na gênese e no desenvolvimento da ideia suicida.

“Desconfortável, e em aparente contradição com a esperança que surge quando nos descobrimos espírito imortal, é a citação dos espíritos na prevalência de ideiação, plano e tentativa de suicídio.” (Formiga & Formiga)

O espírita não está imune ao desespero, à falta de fé, ao desgosto pela vida, ao sentimento de solidão, à desesperança, às doenças mentais. Muitos não se suicidam porque sabem as consequências. Mas isso não muda o quadro ideativo do suicídio e muitos menos as causas que o determinam. Mas, mesmo com tudo isso em mente, alguns são acometidos de tamanho desespero que tornam esses conhecimentos como irrelevantes.

“Com os bons resultados do tratamento, ela descobrirá que há sempre um amanhã, que podemos resistir, esperar, pois um lindo dia pode chegar. Que há sempre um amanhã, para quem vive a sofrer, que não custa esperar. E quando ele chegar a pessoa verá então que não foi em vão o que passou. Daí ao relembrar que o mal se distanciou poderá enfim exclamar: feliz eu sou!” (Formiga & Formiga)

É imprescindível que haja o envolvimento da família no processo de prevenção do suicídio, porque somente com os parentes conscientizados é possível fazer do suicida em potencial um

## **O Livro dos espíritos – (Livro IV – Capítulo I)**

paciente, porque é necessário que seja ele levado a tratamento. Uma vez em tratamento, o suicida em potencial se torna receptivo às ideias de consolação e de expectativa de dias melhores.

19/22/08/2007

O Consolador – (F. Altamir da Cunha)

**Algumas considerações sobre o Suicídio**

Em **O Livro dos Espíritos**, na questão 943, assim interrogou Allan Kardec aos Espíritos:

“De onde vem o desgosto pela vida que se apodera de alguns indivíduos sem motivos plausíveis? - Efeito da ociosidade, da falta de fé e geralmente da saciedade. Para aqueles que exercem as suas faculdades com um fim útil e segundo as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida se escoia mais rapidamente; suportam as suas vicissitudes com tanto mais paciência e resignação quanto mais agem tendo em vista a felicidade mais sólida e mais durável que os espera.”

Façamos uma rápida análise sobre estes três fatores em destaque para compreendermos os seus efeitos negativos:

**Ociosidade** – Disse muito bem o Mestre Jesus: “O Pai até hoje trabalha, e eu também trabalharei”, numa clara alusão ao trabalho, como necessidade que não se pode desprezar. Todo ocioso é negligente e invigilante. Como consequência da sua invigilância, torna-se cultor de pensamentos negativos, que funcionam como verdadeiros plugs, através dos quais espíritos oportunistas agem, desencadeando muitas obsessões e tragédias, entre elas, os suicídios.

**Falta de fé** – Estudos realizados comprovaram a importância da fé, como combustível que mantém acesa a chama da esperança, indispensável na superação de conflitos e provações da vida. Não foi em vão que Jesus afirmou: “Pois em verdade vos digo: se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: Transporta-te daí para ali e ela se transportaria, e nada vos seria impossível”.

(S. MATEUS, cap. XVII, vv. 14 a 20.)

Quem não tem fé, não tem esperança, não acredita na vitória, e desiste de lutar. Alguém já disse: “o homem não morre apenas quando deixa de viver, mas também quando perde a esperança”.

**Saciedade** – Todo processo evolutivo do Espírito realiza-se sob a preocupação constante em atingir objetivos, tanto no aspecto material quanto no espiritual. Quando valorizamos, apenas, as conquistas materiais, ao conseguirmos tal intento, sentimo-nos saciados. Sem mais objetivos, a vida, então, apresenta-se monótona e insuportável. Isto explica muito bem por que em países onde predomina a tranquilidade econômico-financeira e cujos habitantes não têm objetivos mais nobres (conquistas espirituais, por exemplo) as taxas de suicídio são tão altas.

Portanto, a fé, o trabalho e a luta incessante na conquista de objetivos dignos tornam a mente inacessível às idéias suicidas.